

O tema que discutirei hoje é o seguinte fato curioso: o grito de espanto primordial que estipulamos, na última conferência, como sendo a origem da língua, resultou, efetivamente em uma multiplicidade de línguas. Esse fato, além de curioso, é sumamente incômodo e inquietante. Para ilustrar a monstruosidade que é a multiplicidade de línguas, consideremos, por um instante, a alternativa: consideremos uma situação hipotética, na qual o grito de espanto resultaria em uma língua única e universal. Nessa hipótese paradisíaca todos os problemas linguísticos estariam mascarados a ponto de jamais poderem ser descobertos. Seria impossível descobrir a função pré-formuladora da língua em todo conhecimento, e seria impossível descobrir a inacessibilidade de uma realidade extralinguística. Isto pela seguinte razão: A língua universal única seria tacitamente identificada com o pensamento, e considerada introspectivamente, e com a realidade conhecível, se vista extrospectivamente. Em outras palavras: a língua universal única impossibilitaria uma crítica da língua. Por exemplo, se essa língua fosse o português, a palavra "mesa" seria identificada, introspectivamente, com o conceito "mesa", e extrospectivamente com o objeto "mesa", e a problemática dos termos "conceito" e "objeto" nunca seria descoberta. A frase "a mesa está na sala" seria, introspectivamente, a formulação de um pensamento de acordo com as regras do pensamento, e, extrospectivamente, a formulação de uma relação entre coisas reais, (Sachverhalt) de acordo com as regras da realidade. A problemática dos termos "pensamento" e "realidade" nunca seria descoberta. Com efeito, conceito e objeto seriam tomados como idênticos já que seriam o aspecto interno e externo da palavra da língua universal. E pensamento e realidade seriam idênticos, já que seriam o aspecto interno e externo da frase da língua universal. As regras do pensamento e as regras (leis) da realidade seriam idênticas, já que seriam o aspecto interno e externo da gramática da língua universal. Com efeito, ciência natural e ciência do espírito (Geisteswissenschaft) seriam idênticas, já que a ciência natural estudaria as regras da língua universal em seus aspectos externos, e a ciência do espírito estudaria estas mesmas regras gramaticais em seus aspectos internos.

Não pode portanto admirar, dado o aspecto paradisíaco que a língua universal teria, que esforços para o seu estabelecimento sempre foram feitos. Esses esforços têm duas direções opostas, embora isto não fosse consciente aos que os empreendem. Uma direção procura a língua universal original, aquela portanto que existiu, conforme nos fazem crer os mitos da humanidade, antes da confusão das línguas. A outra direção procura a língua universal artificial a superar a confusão das línguas. Ambas essas direções procuram o paraíso, naquele sentido discutido na última conferência. A primeira direção procura o paraíso perdido da ingenuidade, e é inautêntica neste sentido. A segunda direção procura o paraíso do conhecimento perdido, e é frustrada neste sentido. Um exemplo da primeira direção é o "basic English", um exemplo da segunda direção é a linguagem da matemática pura. Línguas universais como esperanto e volapuek são formas híbridas que unem frustração com inautenticidade. Existem, no entanto, línguas universais autênticas, embora a sua universalidade seja limitada. Essas línguas são línguas da fé, como o hebraico, o árabe e o latim, ou línguas da meditação como o sanscrito e o pali, ou línguas de especulação como o grego. Essas línguas serão discutidas mais tarde. ~~Pois o ab-~~
~~surdo da multiplicidade das línguas universais representa um problema formidável.~~

Nesta conferência não pretendo indagar pelo porquê da multiplicidade de línguas. Não quero perseguir o tremendo mistério que se esconde no fato da múltipla hierarquia, do múltiplo desvendar do sagrado, que é a multiplicidade das línguas. O que quero é aceitar humildemente essa multiplicidade como um dado, e expor alguns dos seus aspectos. O primeiro aspecto é o seguinte: Embora o número das línguas vivas e mortas seja enorme, e embora o número das línguas imagináveis seja provavelmente infinito, podemos classificar, grosso modo, as línguas realizadas em três classes de estrutura: as flexionais, as aglutinantes e as isolantes. É verdade que esta classificação violenta, como toda classificação faz por necessidade, pois toda língua individual se recusa a ser rigorosamente classificada. Não obstante, ajuda a nossa contemplação da cena linguística, e persiste nela com a reserva mental que toda classificação impõe. De acordo com ela existem portanto três tipos de línguas: as que consistem de palavras flexíveis, as que consistem de sílabas inflexíveis, e as que consistem de aglomerados significativos. Consideremos primeiro as línguas do primeiro tipo, as nossas línguas portanto. São línguas que predominaram originalmente no Oriente Próximo, e se expandiram para a significação. Não sendo possível jamais a língua ser significada. O curso das línguas flexionais, tomado como um todo, isento de significado. O curso

para dominar primeiro as penínsulas européia e hindu da Eurásia, e mais tarde uma todo o Norte da África, toda América e Austrália. Consistem de dois ramos principais: o hamito-semita e o indogermânico. O ramo hamito-semita abrange as línguas hamíticas, por exemplo o egípcio antigo e o amhárico moderno, e línguas semíticas, por exemplo o babilônico antigo e o árabe moderno. O ramo indogermânico abrange as línguas satem, por exemplo o sânscrito antigo e o russo moderno, e as línguas kentum, por exemplo o grego antigo e o português moderno. Todas essas línguas são discursivas, isto é: são correntes de frases. Toda frase é uma organização de palavras, isto é: é um organismo de qual as palavras são órgãos. As palavras são os elementos maleáveis, a matéria prima plástica, da qual as frases se formam. A frase é a estrutura que informa a massa maleável de palavras. A frase imprime uma forma sobre a massa das palavras. As línguas flexionais são uma corrente de formas impressas sobre a massa de palavras maleáveis. É verdade que nutrimos a ilusão de não ser a massa das palavras tão informe como a descrevi. Acreditamos poder distinguir uma hierarquia de palavras, por exemplo substantivos, verbos, adjetivos, preposições etc. Com efeito, entretanto, essa hierarquia já é consequência da estrutura impressa sobre as palavras pela frase. Chamamos, por exemplo, a palavra "andar" de verbo, porque geralmente assume uma função verbal dentro da frase. Entretanto, pode assumir também uma função de substantivo. Na realidade, uma palavra só é pensável dentro de uma frase, só se realiza dentro de uma frase. Palavras soltas são impensáveis, e se pensamos algo que parece ser palavra solta, este algo é na realidade uma frase que consiste de uma só palavra. A palavra é o átomo da língua flexional, e só adquire realidade dentro de uma molécula, que é a frase. Existem frases de uma palavra, como existem moléculas de um átomo. A palavra solta não tem realidade, porque não tem significado. Ela adquire significado somente dentro da frase. O significado é consequência da estrutura imposta à palavra pela frase. A palavra solta é um símbolo à espera de um significado. As línguas flexionais são conjuntos de símbolos que adquirem significado ao se adaptarem à estrutura da frase. Entretanto, se é verdade que a frase imprime sua forma sobre a palavra, não é menos verdade que as palavras determinam o conteúdo de frase. A frase é determinada em seu conteúdo pelas palavras das quais se compõe. Podemos portanto considerar a frase como síntese de palavras (conteúdo) e regras (estrutura). Como síntese dialéctica, com efeito. As palavras são o conteúdo que, para realizar-se, exige uma estrutura. As regras são a estrutura que, para realizar-se, exige um conteúdo. A frase é a realização dialéctica destas duas teses. Para abandonarmos Hegel e voltar para Nietzsche podemos dizer que as palavras e as regras das línguas flexionais são duas vontades que chegam ao poder ^{dentro da} frase. A frase é, portanto, uma adaptação das palavras às regras e das regras às palavras. Essa mútua adaptação é justamente o característico das línguas flexionais, é a sua flexibilidade. Entretanto, essa flexibilidade não deve ser exagerada. Aparentemente as línguas flexionais são muito ricas em estrutura. Na realidade, entretanto, todas estruturas são variações sobre um tema fundamental: a estrutura sujeito-objeto-predicado. Em sua forma fundamental e ideal, toda frase das línguas flexionais tem esta estrutura básica: algo é predicado de um sujeito para objetivá-lo. Fundamentalmente as línguas flexionais são uma corrente de frases que predicam de um sujeito para um objeto. O pensamento flexional é predicativo. A razão discursiva é predicativa. O predicado é a razão de ser das línguas flexionais. As línguas flexionais são um esforço contínuo e enorme de predicar todos os objetos de um sujeito até que o sujeito fique inteiramente objetivado, isto é esgotado. As línguas flexionais tem por meta a objetivação total de todos sujeitos, e esperam alcançar esta meta predicando. Este esforço é a dinâmica das línguas flexionais. A perseguição desta meta mantém a conversação flexional em seu curso contínuo. Mas é evidente que o esforço é absurdo e a meta é inalcançável. Como demonstrarei em conferências futuras, nenhum sujeito é totalmente objetivável por predicação, e isto por definição do conceito "sujeito". Este esforço absurdo das línguas flexionais por predicar é idêntico com aquilo que chamei "dúvida" e "pensamento" na última conferência, e aparece neste contexto em seu aspecto estrutural. Podemos formular o mesmo problema de outra maneira. Toda frase é significativa, se e porque obedeça a certas regras. Mas a significação de toda frase não é completa, já que nenhuma frase predica totalmente o seu sujeito. É portanto seguida de uma nova frase, que acrescenta um novo predicado ao sujeito, na procura de aumentar a significação. Não sendo possível jamais alcançar a significação total, é o curso das línguas flexionais, tomado como um todo, isento de significado. O discurso

curso das línguas flexionais, tomado como um todo, não pode ser considerado

única super-frase gigantesca jamais completável, portanto jamais significativa, embora em constante procura de um significado. O pensamento flexional é um único super-pensamento jamais completável. O significado de cada frase individual, o significado de cada pensamento individual, embora válido se tomado como organização completa em próprio direito, é inválido se tomado como parte da superorganização que é o discurso das línguas flexionais.

Consideremos o impacto desta corrente de especulação sobre aquilo que vulgarmente chamamos de "realidade". Esta se apresenta para nós como um conjunto de relações entre objetos. Como um conjunto de Sachverhalte, para falarmos com Wittgenstein. A realidade é para nós uma rede de relações em cujos nós se localizam os objetos. Ou, para falarmos com Heidegger, somos jogados para dentro de uma rede de "Vorhandensein" (estar-à-mão) que consiste de coisas (Dinge) ligadas entre si por fios de relações que ele chama de "Bewandnis", palavra que não sei traduzir para o português. Mas deve ser evidente aos senhores, se é que meu argumento os alcançou, que essa rede é, com efeito, a corrente do discurso flexional, e os nós são as palavras. A realidade tem para nós o conteúdo e a estrutura das línguas flexionais. Nem podemos sequer imaginar uma realidade diferente. É uma realidade de que consiste de situações, (isto é frases) compostas de coisas (isto é palavras) relacionadas entre si por regras (isto é gramática). Se não existissem línguas de outro tipo, se não existissem as línguas isolantes e aglutinativas, nem nos poderia ocorrer que essa nossa "realidade" não seja a realidade tout court. Entretanto esses dois tipos de línguas tão diferentes das nossas existem, e já que são línguas, devemos assumir que são tão significativas quanto as nossas. Mas a realidade que transparece e resplandece por elas é uma realidade totalmente diferente da nossa. É impossível para nós penetrar essa realidade. Portanto os meus esforços de apresentá-la aos senhores são a priori frustrados. Não posso descrevê-la como o fiz com a nossa realidade. Entretanto posso tentar dar uma impressão desses dois tipos de línguas quando vistas de fora, isto é quando vistas por um intelecto flexional.

As línguas isolantes são as línguas faladas e escritas no Extremo Oriente. Digo "faladas e escritas" porque nesse tipo de línguas não é, como no nosso caso, uma escrita uma transposição da língua falada para o visual, mas é um sistema de símbolos independente. Com efeito, as línguas isolantes dispõem de dois veículos: as línguas faladas e a língua escrita universal. Consideremos primeiro as línguas faladas. Abrangem a multidão das línguas chinesas e as chamadas tibeto-burmesas. Consistem de umas poucas centenas de sílabas; o cantonês por exemplo, consiste de aproximadamente quatrocentas sílabas. É verdade que esta extrema pobreza léxica é um tanto mitigada pelo fato de existirem três a sete maneiras de pronunciar cada sílaba, mas mesmo tomando isto em consideração, a pobreza léxica nos choca se a compararmos com as centenas de milhares de palavras das quais dispõem as nossas línguas. Essas poucas sílabas são inflexíveis, nunca se alteram. Tendem a aparecer aos pares, tanto assim que podemos falar, no caso das línguas isolantes, ~~como se fossem~~ como se fossem de línguas silábicas como de línguas bi-silábicas. Assim, aos pares, entram naquilo que por paralelismo podemos chamar de discurso. Dentro desse pseudo-discurso adquirem as sílabas o seu significado. É para nós difícil dizer porque e como. Só sabemos que uma sílaba isolada pode adquirir centenas, senão milhares de significados diferentes dentro do discurso, embora talvez esses significados não sejam tão nítidos quanto são os poucos significados que uma palavra pode adquirir dentro do nosso discurso. Parece que estes significados são alcançados de duas maneiras: uma estrutural e outra estética. Dependem da localização da sílaba entre as outras, e dependem da intonação, da força da voz, e das pausas na pronúncia antes e depois da sílaba. Dependem, entretanto, principalmente, da sílaba que serve de par. É evidente que nenhum paralelo com as nossas línguas é possível, já que todas as nuances de significado devem escapar-nos, mesmo se conseguirmos o enorme feito, de apreender mandarim, por exemplo. A realidade que estas línguas significam é de todo diferente da nossa, e parece, aos nossos olhos, muito mais difusa, não consistindo de coisas bem definidas nem de relações ordenadas. Não consiste de "Sachverhalte". É portanto uma realidade impenetrável pela nossa ciência, uma realidade incompreensível para nós portanto. Podemos vislumbrar vagamente as línguas, são todas fundamentalmente do mesmo tipo, e isto torna possível uma comparação entre elas. Produções autônticas são possíveis entre elas, e essas pro-

o dela ao contemplar um chinês tomando seu chá ou uma dançarina.
A língua escrita do tipo isolante é independente da língua falada e, com efeito, é universal em todo Extremo Oriente, inclusive no Japão, que não fala uma língua isolante, embora essa escrita esteja um tanto modificada no Japão. Todos os orientais se comunicam, mais ou menos bem, escrevendo, embora falem línguas que são tão diferentes quanto o é o hindi e o sueco. Essa língua escrita universal consiste de ideogramas, isto é de pinceladas organizadas em rectângulos que se tornam significativas, quando contempladas isoladamente ou em conjunto com outras. Alguns poucos ideogramas são pictóricos, por exemplo o sol é um círculo e a árvore é um tronco com dois ramos. Alguns outros derivam de ideogramas pictóricos, por exemplo o sol atrás da árvore significa tarde. Mas a vasta maioria das centenas de milhares de ideogramas é puramente convencional, tão convencional quanto o são as nossas palavras. Aliás é impossível dizer quantos ideogramas existem, já que a possibilidade de juntar, entrelaçar e sobrepor ideogramas entre si é praticamente ilimitada, e cada junção, cada entrelaçamento e cada sobreposição resulta em significado novo. Escrever nessa língua convida à criação de significados novos, é uma atividade poética e criadora infinitamente mais intensa de que o é o escrever em nossas línguas. Mas isto não é tudo. O significado do ideograma não depende somente da sua estrutura, isto é da organização das pinceladas dentro do rectângulo, mas ainda da intensidade dessas pinceladas, da cor da tinta, da textura do papel e da seda, da distância entre os ideogramas, da localização do ideograma dentro da folha ou do rolo. Escrever nessa língua é ser pintor. Digo mais ainda: já que cada ideograma significa algo nunca antes significado, dada a unicidade do seu aspecto estético, já que cada ideograma é portanto original num sentido nunca alcançado por nossas palavras ou frases, escrever, e mesmo ler essa língua, equivale à atividade filosófica do intelecto flexional. É claro que podemos captar algo dessa escrita simplesmente ao contemplá-la tal como aparece nos cantos das pinturas chinesas, ou nas folhas chamadas caligráficas no Ocidente. Mas é igualmente claro que jamais podemos esperar penetrar o pleno significado dessa língua escrita. Consequentemente nunca podemos esperar compreender o pensamento dos chamados "filósofos" chineses e japoneses, que são na realidade compositores de ideogramas. É a realidade que estes ideogramas significam é-nos vedada. Toda a nossa especulação em redor dela é inútil. É uma limitação do nosso intelecto que precisamos aceitar.

Consideremos, ainda mais superficialmente, as línguas do tipo aglutinativo. Representam a vasta maioria daquelas línguas que não produziram aquilo que chamamos, em nossa prepotência, de civilização avançada. A elas pertence o vasto tronco das línguas ural-altáicas, das turcas e das mongólicas, o esquimó, as línguas índias, muitas línguas africanas etc. Os seus elementos são blocos de significado, enormes e informes aos nossos olhos, como por exemplo Itaquequessetuba. Querendo forçar um paralelo com as nossas línguas, podemos dizer que esses blocos são algo entre palavra e frase, mas dizendo isto, estaremos falsificando o carácter dessas línguas que desconhecem tanto palavras quanto frases. Esses blocos, quando analisados pelo espírito flexional, parecem ter surgido de pseudo-palavras, coladas entre si por sufixos, prefixos e infixos, e por pseudo-sílabas sem qualquer função nem significado aos nossos olhos. Nenhuma das nossas categorias pode ser autenticamente descoberta nesses blocos, nem tempo, nem quantidade, nem causalidade, nem nenhuma das outras categorias das quais a nossa filosofia afirma serem universalmente humanas. Em consequência é o mundo das línguas aglutinativas caótico aos nossos olhos. Não o pode ser entretanto aos que falam essas línguas, já que língua é o próprio contrário do caos. Alguns etnólogos tentaram reconstruir a realidade que aparece nessas línguas, especialmente Sapir e Berkett Smith. Estou desconfiado, entretanto, que, por interessantes e mesmo fascinantes que sejam essas tentativas, falsifiquem totalmente a imagem, já que no intelecto do pesquisador o resultado da pesquisa se cristaliza automaticamente em forma inglesa. É preciso confessar, com mais razão ainda de que no caso das línguas isolantes, que o mundo das línguas aglutinativas é para nós um mundo fechado. Em consequência o presente ciclo de conferências estará doravante conscientemente limitado às línguas flexionais, embora tente eu, de vez em quando, lançar um olhar furtivo em direção dos outros tipos de língua.

Voltemos, depois dessa excursão para territórios exóticos, ao reino das nossas línguas. São todas fundamentalmente do mesmo tipo, e isto torna possível uma conversação entre elas. Traduções autênticas são possíveis entre elas, e essa pos-

sibilidade e as suas dificuldades formarão o tema da próxima conferência. Mas embora todas do mesmo tipo, são as nossas línguas de estruturas enormemente diferentes, tanto assim que a problemática das traduções sempre tem sido reconhecida. Surgiram portanto, desde muito cedo, tentativas de superar ou obviar o esforço da tradução pela criação de línguas universais, pelo menos válidas para o território das línguas flexionais. Já mencionei rapidamente essas tentativas e quero voltar novamente para o tema, agora de um outro ponto de vista. Uma língua universal das línguas flexionais pode ter as seguintes características: pode reduzir as diferentes estruturas a um denominador comum, pode simplificar a estrutura de uma dada língua para torná-la universalmente aplicável, e pode criar artificialmente uma estrutura nova, composta ecléticamente de diversas estruturas existentes. Não pretendo tratar no momento da segunda e da terceira possibilidade, representadas pelo "Basic English" e pelo Esperanto. A segunda possibilidade resulta em infantilização, e a terceira em desautenticação da língua. O que interessa é a primeira possibilidade, porque revela, de modo quase palpável, o caráter das línguas flexionais. Essa possibilidade é representada pela linguagem matemática e pela assim chamada "meta-língua" da lógica pura.

A matemática e a lógica formal são na realidade universais para as línguas flexionais em duplo sentido: representam a estrutura que é comum a todas essas línguas, e eliminam o conteúdo. Representam, com efeito, discursos que consistem de frases sem palavras. Daí o seu enorme valor epistemológico. É verdade que matemática e lógica não têm significado. Definimos significado como síntese de palavra e frase, de conteúdo e estrutura. Não tendo palavras, não tendo conteúdo, não pode a matemática e a lógica formal ser significativa. Mas justamente por isto serve admiravelmente de língua universal. As frases significativas de uma dada língua flexional podem ser reduzidas à sua estrutura matemática ou lógica, e depois reformuladas em outra língua flexional. Grande parte da problemática da tradução será assim obviada. A matemática e a lógica têm funções ainda mais férteis dentro de cada língua, funções essas das quais tratarei quando falarei das camadas da língua. A matemática e a lógica formal são armas poderosas tanto no campo da tradução horizontal, (de língua flexional para língua flexional), como no campo da tradução vertical (de camada para camada dentro de uma dada língua flexional). Se identifiquei numa conferência passada "teoria de conhecimento" com "teoria da tradução" posso afirmar agora que matemática e lógica pura são armas poderosas do conhecimento. Neste contexto não importa a discussão atual, se a matemática é um caso especial de lógica formal, ou se se trata de disciplina independente. Redun- da na pergunta se a matemática e a lógica formal são uma ou duas línguas universais do campo flexional, e não atinge o argumento.

Entretanto uma consideração é importante, e com ela quero dar este conferência por fíndia. A matemática é uma língua artificial que alcançou a sua primeira maturidade somente no Renascimento e continua se desenvolvendo muito mais rapidamente que as línguas chamadas naturais. Portanto o seu caráter convencional é muito mais patente que o caráter convencional das línguas chamadas naturais. Quando a ciência exata, e mais especialmente a física e a astronomia, descobriram que a linguagem que lhes é mais apropriada é justamente a língua da matemática, os pensadores sofreram um choque. Como é ~~isto~~ possível, perguntavam, que as leis da natureza ~~sejam~~ formuláveis em proposições matemáticas simples? A primeira hipótese para a explicação deste milagre foi apresentada por Newton na forma: Deus é matemático. Embora abelada, a fé numa realidade extra-linguística tinha sobrevivido o primeiro choque. O progresso das ciências exatas, que é um progresso que marcha nas pegadas do progresso da língua matemática, tornou impossível a manutenção desse fé. Tornou-se claro, que as leis da natureza são formuláveis matematicamente, porque são idênticas ~~com~~ as regras das línguas flexionais. A ciência exata é, com efeito, uma pesquisa da estrutura das línguas flexionais, e está quase consciente disto. A ciência é a matemática, isto é a língua flexional universal, "aplicada." A ciência é um esforço de articulação do ainda não articulado. Faz parte da conversação criadora das línguas flexionais. A natureza não é o ~~da~~ do, mas o produto da ciência, e a estrutura matemática da natureza é disso prova patente. Mas estas considerações me conduzem a temas a serem tratados mais tarde e portanto prematuros. Menciono este aspecto da matemática, para transmitir aos senhores desde já uma visão da força criadora da língua: em geral, e das línguas flexionais em particular.